

## CONFERÊNCIA

### «A MINHA MORTE OU COMO A LITERATURA ME SALVOU»

Isabel Nery\*

Guimarães, fevereiro de 2019

O livro que deu origem ao filme aqui visionado, «Ensaio Sobre a Morte», é o resultado de um processo de sobrevivência que exigiu tudo de mim - e que só foi possível concluir graças à literatura. A experiência resultou na obra «Chorei de Véspera - Ensaio sobre a Morte, por Amor à Vida», uma reflexão ensaística agora adaptada para o filme de animação de Margarida Madeira.

Sendo a experiência humana mais garantida, a morte continua inexplicável. É preciso aproximarmo-nos dessa complexa realidade para a melhor compreendermos - ou para melhor compreendermos os outros.

Uma das principais tarefas da Literatura é atribuir estrutura à vida e à morte, dando sentido a ambas. Sabe-se hoje que a leitura de obras literárias nos permite vivenciar os acontecimentos como se nos estivessem a acontecer a nós. Aproximando-nos do outro e tornando-nos mais empáticos.

O que proponho é que façamos uso dessa capacidade da Literatura para melhor compreender algo tão difícil - e universal - como a morte. E fazer uso de obras de referência para encontrar sentido em experiências traumáticas.

A discussão e reflexão sobre o tema pode fazer-se a partir de algumas das obras mais carismáticas da literatura e dos autores, nacionais e estrangeiros, que melhor trabalharam o tema, tais como: Michel Montaigne, José Cardoso Pires, José Rodrigues Miguéis, Jorge Luis Borges ou Roger-Pol Droit.

Mas também a partir de outras formas de arte e comunicação, como o cinema, inspirado por obras literárias que abordam o tema da morte.

Para uma reflexão sobre a literatura, a morte e - essencialmente - a vida.

Montaigne diz que para morrer não é preciso estar doente, basta estar vivo.

Nada mais certo. Mas como o filme que acabámos de ver nos conta a história de uma morte (não definitiva) que veio com a doença, quero introduzir-vos a literatura, e como ela nos pode salvar.

#### Michel de Montaigne

Primeiro de todos os ensaístas pessoais, Montaigne inventou o termo «ensaio» para se referir a uma experiência ou teste do seu raciocínio com base no estudo de si mesmo. Por isso, Montaigne exclama com precisão: «Eu próprio sou a matéria do meu livro.»

No texto «Da Experiência», nota como a doença nos vai «desinteressando da vida e despreendendo do mundo», concluindo que está apenas a «pagar os juros da velhice», e não crê que seja «possível conseguir melhor preço». Corolário natural da vida, a doença é também um medidor de infortúnios. Assim, a Montaigne surge-lhe «mais bela a saúde depois da doença».

Porque a morte se mistura e «confunde constantemente com a nossa vida», é preciso encará-la: «Ao pensar na morte, encontro uma grande consolação no facto de ela ser justa e natural.»

Montaigne diz-se «conformado com a ideia de perder a vida sem mágoa, mas como uma coisa que é feita para ser perdida e não como uma enorme maçada». Até porque, só os que vivem com prazer aceitam sem relutância a ideia de morte: «Para se gozar a vida é preciso saber. Eu gozo-a duas vezes mais do que os outros, porque o grau de prazer depende da maior ou menor dedicação com que o fazemos».

Além de natural, a morte é também uma lição de humildade: Afinal, «Reis e filósofos, todos defecam. E as damas também».

A morte surge a Montaigne como uma lição de humildade. «As pessoas querem exceder-se e escapar ao humano. Isso é loucura: em vez de se transformarem em anjos, transformam-se em bestas, em vez de se elevarem, afundam-se. Por isso, não vale a pena pormo-nos em andas porque, mesmo em cima delas, precisamos das pernas para andar. E, mesmo no trono mais alto do mundo, continuamos sentados em cima do nosso cu.»

### Jorge Luis Borges

Outro escritor que tem um ensaio excepcional (e pouco conhecido) sobre doença é Jorge Luis Borges, em «Cegueira».

Nomeado diretor da biblioteca Nacional da Argentina depois de cego, em 1955, fica responsável por um milhão de livros. Podia pensar-se que não há maior ironia, mas Borges conta-nos como já houve vários diretores de bibliotecas cegos. E, sobretudo, como a doença não o impediu de disfrutar desse paraíso que sempre imaginou «como uma espécie de biblioteca».

Escreve Borges:

Deus; que na sua esplendida ironia

Me deu livros e cegueira de um só golpe

Afirmando que não deixou a cegueira intimidá-lo e perante as duas dádivas que se podiam auto excluir, Borges conclui: «Perdi o mundo visível, mas vou recuperar outro.» E aconselha: «Quando alguma coisa acaba devemos pensar que outra começa». Embora admita tratar-se de «um conselho de execução difícil porque só sabemos o que perdemos, não o que vamos ganhar».

O escritor argentino diz mesmo que «ser cego tem as suas vantagens» e que, não tendo sido para ele uma desgraça total, a cegueira «deve ser vista como uma forma de vida: uma das formas de viver».

Mais: para um criador, a doença pode ser instrumento. «Sempre soube que me iam acontecer coisas boas e coisas más, mas que, no final, tudo seria convertido em palavras. Especialmente as coisas más, já que a felicidade não precisa de ser transformada: a felicidade é o seu próprio fim.»

«Um escritor, ou qualquer homem, tem de pensar que o que quer que lhe aconteça é um instrumento; tudo foi dado por uma razão. Isto é ainda mais forte no caso do artista. Tudo o que acontece, incluindo humilhações, vergonhas, azares, tudo foi dado como barro, como material para a nossa arte.»

Para o escritor, o sofrimento surge como elemento transformador: «Essas coisas são-nos dadas para transformar, para que possamos fazer das circunstâncias más da nossa vida coisas eternas, ou aspirar a consegui-lo.»

Apesar de admitir ser tentador dizer que a velhice é «a solidão suprema», sublinha que «a suprema solidão é a morte».

### José Cardoso Pires

Por vezes, não há tratamento científico, mas há sempre tratamento literário.

Tchekov, médico, doente e escritor dizia ser a Medicina a mulher legítima, e a literatura, a sua amante; quando de uma delas se cansava, passava a noite com a outra.

O autor do livro «De Profundis Valsa Lenta», José Cardoso Pires, conta-nos como se sentiu numa «ilha de náufragos, preso ao soro», depois de sofrer um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Durante o internamento teve de partilhar o quarto com outros dois «candidatos à morte», cada qual «nos seus lençóis de medo», naquele que era nada mais do que um «estaleiro de entrevados».

Tal como aconteceu a Cardoso Pires, o que me levou a escrever o meu ensaio não foi uma doença qualquer, foi uma doença que mata subitamente mais de 70% das pessoas que ataca.

Por isso, não estive apenas doente - também morri.

Claro que esse é o fim que vivemos para adiar. Mas gostava de vos falar de como é difícil voltar depois de morto.

O regresso depois da morte, embora festejado e desejado, é um lugar de solidão. Mais ninguém passou por isso, não há com quem partilhar e quando se partilha não se é compreendido.

Para esta fase, poderia prescrever:

### Miguel Real

No seu «Manifesto em Defesa de Uma Morte Livre» (2015), Miguel Real lembra que a vida é uma dádiva, mas também uma tarefa humana.

No passado, a doença era vista como expressão de um castigo divino decorrente do pecado. Mas nos finais do século XVII, o pecado é substituído pelo micróbio.

Depois, nos séculos XVIII e XIX dá-se a substituição do conceito de alma como unidade do corpo pelo conceito de cérebro. Já a partir do século XIX dá-se uma nova visão, racional, de uma purificação do corpo, não por meios litúrgicos, mas higiénicos.

Com a independência do corpo face à alma (processo que se prolonga do século XVI ao XX), nasce o individualismo: o corpo-carne. «O estranho de mim, o outro de mim, que, no entanto, me sustenta a vida».

Para Miguel Real, o corpo «fatiado» do século XXI corresponde a uma visão do homem antropológicamente «fatiada». O corpo é hoje uma massa de carne «fatiada» pela ciência. No final, resta o nada. «Ao fim e ao cabo, o corpo é hoje o que sempre foi: uma substância sem a qual não se pode viver, mas pela qual, exclusivamente pela qual, não vale a pena viver.»

Sobre a morte chamada de natural, Miguel Real nota que é hoje igualmente artificial, dominada pela tecnologia. «Aliviado de próteses médicas, o corpo-carne não sobrevive, morre. A morte do corpo nada possui de natural porque, na Europa, não existem já corpos naturais, mas, a partir da terceira idade, corpos sustentados tecnologicamente pela medicina e pela farmácia.»

O ensaísta defende que «o valor de cada existência mede-se pela obra social e cultural que lega, engravidando o presente de elementos novos», fazendo com que a criação cultural se torne «o grande sentido e valor da vida, vencendo a morte de um modo

definitivo». A morte só é verdadeiramente superada através da criação: de filhos (biológico); obras inovadoras (social); obras e valores (cultura).

### José Rodrigues Miguéis

Até que ponto pode um escritor falar das duas experiências pessoais, sem incorrer na pecha do subjetivismo e sem ser indiscreto a respeito de si mesmo? - questiona José Rodrigues Miguéis, em «Um homem sorri à morte com meia cara» (1957).

Para Miguéis, não é do autor que se trata, mas do que a sua experiência pessoal possa ser comum, comunicável, útil até.

Sendo o horror da finitude «pior do que a própria morte», quando passamos a ser uma «simples trouxa humana», é preciso afrontar a morte - ainda que fosse apenas com meia cara e meio sorriso. Por isso: «Um homem sorri à morte com meia-cara».

### Roger-Pol Droit

No livro «Se me restasse apenas uma hora para viver» (2012), Droit imagina que vai morrer dentro de uma hora, uma hora e não mais. «Se me restasse apenas uma hora para viver, a própria morte, ainda que tão próxima, não devia ser a minha primeira preocupação.»

Confinado a um presente entaipado, «não é só o sol e a morte que não conseguimos olhar de frente, é também a vida.»

Porque a separação do lote dos prazeres e dos descontentamentos é impossível (...) e porque nunca quereríamos infelicidade integral nem felicidade absoluta, «esconder os pesadelos nas gavetas, pôr os sorrisos na montra, dura um momento».

Para o filósofo francês, a sabedoria, tal como a felicidade, é, «fatalmente, sempre incompleta, impura, incrustada de ignorâncias, cheia de lacunas, de buracos, de espaços em branco, porque nunca saberemos tudo».

Tal como sugere Miguel Real, também Droit, perante a morte, se socorreria da arte. «Se tivesse apenas uma hora para viver escolheria a escrita como artifício contra a morte.»

Porque escrever é uma forma de encarar o medo do mal. O medo do fim. «Pensamos cada vez menos na morte, preferimos desviar o olhar, falar de outra coisa, tratar seja do que for desde que nos impeça de pensar nela. Esta falsa despreocupação faz perder de vista não só a morte, mas o essencial da vida.»

Parecendo simples, Droit sugere uma mudança de paradigma, conquistada com a sua experiência de morte: «Levei muito tempo a compreender que é assim, que não há nada a compreender e há tudo a sentir».

Antes da Medicina Moderna muitos temiam ser enterrados vivos. E chegavam a sê-lo. Por isso, havia quem colocasse no caixão um sino para tocar em caso de enterro manifestamente exagerado. Daí nasce a expressão «Saved by the Bell». Com esta comunicação quis abrir-vos a porta para a «salvação» através dos livros.

\* Jornalista e investigadora em Jornalismo Literário, atualmente a fazer doutoramento com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)

## REFERÊNCIAS

Borges, Jorge Luis. «Blindness», in Lopate, Phillip (1994). *The Art of the Personal Essay*. New York: Anchor Books

Droit, Roger-Pol (2012). *Se me restasse apenas uma hora para viver*. Lisboa: Planeta

Miguéis, José Rodrigues (1957). *Um homem sorri à morte com meia cara*. Estúdios Cor

Montaigne, Michel de (Junho 1993). «Da Experiência», in revista *Crítica de Ciências Sociais*, nº37

Nery, Isabel (2016). *Chorei de Véspera - Ensaio sobre a Morte por Amor à Vida*. Lisboa: Esfera dos Livros

Pires, José Cardoso (2001). *De Profundis Valsa Lenta*. Lisboa: Planeta De Agostini.

Real, Miguel (2015). *Manifesto em Defesa de Uma Morte Livre*. Lisboa: Edições Parsifal

Outras sugestões de leitura sobre o tema:

«Memórias Póstumas de Brás Cubas», Machado de Assis

«E se Eu Gostasse Muito de Morrer», Rui Cardoso Martins

«A Morte de Ivan Ilitch», Lev Tolstoi

«Mortes Imaginárias», Michel Schneider

«O Ano do Pensamento Mágico», Joan Didion